

Ensaio Aberto: territorialização através da música na sede do Coletivo AfroCaeté

Antonio Barbosa da Rosa Oiticica¹

Letícia Sant'Ana Nascimento de Lima²

Resumo

Esse trabalho busca analisar de que maneira o Ensaio Aberto - atividade realizada pelo Coletivo AfroCaeté, grupo percussivo alagoano sediado no bairro histórico de Jaraguá, Maceió, Alagoas - confere ao espaço de sua sede um valor cultural, ocupado com performances realizadas pelos membros do Coletivo e por seus frequentadores. Por um lado, o espaço da sede atende, no plano utilitário, a ensaios semanais do grupo e à guarda dos instrumentos. No plano simbólico, o Ensaio Aberto serve de ponto de encontro e afirmação de certos valores como resistência cultural e revitalização de Jaraguá. Essa ressignificação do espaço se dá a partir da abertura das portas da sede do Coletivo e a sua extensão para a calçada, o bairro e a cidade durante o evento em questão. A partir dessa extensão e abertura, identificamos um processo que, através da música, modifica o ritmo do cotidiano urbano do bairro de Jaraguá, ocupado principalmente por comércios, durante a semana. Reconhecemos essa ressignificação do espaço enquanto Territorialidade Sônico-musical, na perspectiva de Herschmann e Fernandes, que constrói identidades e sociabilidades que gravitam em torno da música, modificando a finalidade antes utilitária da sede do Coletivo AfroCaeté. Esse processo resulta em negociações simbólicas e formas de contar a cidade próprias das performances tanto dos membros do Coletivo como dos frequentadores do território reinventado do Ensaio Aberto.

Palavras-chave

Música; Território; Cidade; Cultura; Performance

¹ Graduando em Jornalismo pela Universidade Federal de Alagoas. Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica / Universidade Federal de Alagoas.

² Graduanda em Jornalismo pela Universidade Federal de Alagoas. Colaboradora no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica / Universidade Federal de Alagoas.

O trabalho em questão visa entender de que maneira o Ensaio Aberto, atividade realizada pelo Coletivo AfroCaeté, confere ao espaço da sede do grupo um valor cultural, na perspectiva de Simon Frith (FRITH, 1996, p.12), a partir do uso e ocupação feita pela juventude. Trata-se de um trabalho inicial do projeto *Cartografias midiáticas da música: análise das cenas musicais em Alagoas* que busca mapear territórios musicais na cidade de Maceió, a fim de entender como acontece o processo de ocupação simbólica desses espaços.

Surgido em 2009, o Coletivo AfroCaeté é um grupo percussivo alagoano que valoriza, reproduz e difunde as riquezas musicais de Alagoas. Nasce após uma ruptura com o Maracatu Baque Alagoano, motivada pelo desejo de promover “ações que fossem além do batuque”. É formado atualmente por 64 membros, em sua maioria estudantes universitários e professores da rede de ensino superior e do ensino básico, e principalmente mulheres.

Sediado no bairro do Jaraguá, desenvolve três principais atividades: os ensaios semanais; as Oficinas de Iniciação ao Maracatu e os Ensaios Abertos. O Coletivo é responsável também por articular ações fora da sede, como o Agosto da Cultura Popular, realizado há 10 anos no bairro do Vergel em parceria com o Núcleo Cultural da Zona Sul. O grupo se organiza internamente em comissões de trabalho, responsáveis pelos setores financeiro, artístico, institucional e de comunicação. Os grupos de trabalho são organizados anualmente na reunião de planejamento, momento em que os novos membros podem se engajar com tais funções. O coletivo cultural não possui apoio financeiro de nenhuma instituição e se mantém financeiramente através do pagamento de mensalidade de R\$ 15,00 (estudantes) e R\$ 20,00 (profissionais), dos cachês de shows e do lucro com eventos realizados na sede.

A Oficina de Iniciação ao Maracatu é uma dessas atividades, realizada duas vezes ao ano, que tem como objetivo atrair novos membros para o grupo. As datas de realização são divulgadas na página oficial do Coletivo no Facebook, e é por meio dela que os participantes podem se inscrever. Os interessados pagam uma taxa e participam de dois dias de oficinas, um sábado e um domingo, onde têm contato com a percussão do AfroCaeté e alguns dos baques tocados pelo grupo. Em um sistema de rodízio, os participantes passam pelos cinco instrumentos que compõem a bateria do Coletivo e, ao final da Oficina, escolhem aquele com o qual mais se identificaram. No encerramento da Oficina, os participantes fazem uma pequena apresentação para o público durante uma das atividades, o Ensaio Aberto.

Após iniciados, os recém chegados podem participar dos ensaios semanais, que acontecem todos os domingos à tarde. Coordenados pelo mestre Sandro Santana, os batuqueiros ensaiam as músicas instrumentais e as canções que fazem parte do repertório de apresentações do grupo.

Geralmente, cada membro se dedica a um único instrumento durante todo o ensaio, que dura em média, três horas. A percussão do AfroCaeté é composta por alfaias, xequerês, agogôs, gonguês e caixas.

Diferente das outras duas atividades, o Ensaio Aberto é gratuito e aberto ao público, promovido para arrecadar dinheiro e arcar com despesas fixas como aluguel, água, luz e pagamento do mestre que coordena a percussão. O lucro é obtido através do bar, montado especialmente durante o evento, e também por meio das vendas de camisetas, copos, adesivos do grupo. Participam também expositores que não fazem parte do Coletivo, mas que entram em contato previamente com algum membro do grupo e montam sua banca de exposição com quadros, cds, vinis, roupas, artesanato, instrumentos musicais, entre outros.

O primeiro evento foi realizado em maio de 2015 e neste mesmo ano, foi contemplado com o 1º lugar do Prêmio Gentileza Urbana, promovido pelo Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-AL), que reconhece projetos que propiciem um novo olhar sobre a capital e que contribuam significativamente para o melhoramento de espaços públicos na cidade e elevação da qualidade de vida. Foi reconhecido também por ajudar a compor um calendário cultural permanente para moradores e visitantes de Maceió. De 2015 para cá, foram 28 edições realizadas na sede do AfroCaeté. As atrações e as datas de realização são divulgadas na página oficial do grupo no Facebook e no Instagram.

O Ensaio tem uma programação com shows de bandas e grupos culturais locais dos mais variados gêneros e atrai público estimado em 300 pessoas. Não há pagamento de cachê e todos participam de forma voluntária. Meses como junho, outubro e novembro têm programações especiais que lembram datas comemorativas: São João, Dia das Crianças e Mês da Consciência Negra, respectivamente. As apresentações são feitas sem uma estrutura de palco alto, contando com equipamentos de som e luz dispostos pelo próprio Coletivo.

A programação conta sempre com uma apresentação do Afrocaeté em um formato mais reduzido: dez batuqueiros tocando, uma vocalista e algumas participações. As canções e os discursos transmitem as mensagens que fundamentam o Coletivo: as diversas resistências encampadas, os empoderamentos negro, feminino, popular e o resgate do maracatu e de outras culturas populares.

Buscamos pensar esses discursos transmitidos a partir da ideia de performance (AMARAL, SOARES, POLIVANOV, 2018, p. 65), entendida aqui como

abrir-se para o ato, a ação, o cênico. Aquilo que se faz, como se faz, em que contexto. Parte do que chamamos de autoconsciência das ações significa reconhecer que tais ações são feitas “para alguém”, para um “outro” visível ou invisível, uma “audiência imaginada” ou “público intencionado” (AMARAL, SOARES, POLIVANOV, 2018, p. 64).

Esse discursos ou performances, de resistência cultural, resgate musical, empoderamento, podem ser vistos nas falas tanto de participantes como frequentadores do evento. Para a atriz Ticiane Simões, a possibilidade de estar num local esquecido pelas políticas públicas, mas vivo culturalmente, é de grande valia.

A liberdade, a interação de povos, o fato de eu ter dinheiro pra curtir ou não, eu vou curtir do mesmo jeito de quem tem, isso eu acho massa. Acho massa a gente tá num lugar abandonado pelo poder público e a resistência desse espaço tá funcionando. É bem por isso. (Ticiane Simões, entrevistada durante o Ensaio Aberto de outubro de 2017).

Assim também associamos a fala da participante Rídina Motta, uma das lideranças do grupo, que reitera a importância do Ensaio Aberto como evento sustentável, aberto e democrático.

Nos primeiros [Ensaio Aberto] a motivação era pagar as contas, existia de minha parte uma grande preocupação com a viabilidade financeira do evento. Mas depois do 3 ou do 4 já dava pra ver que ia dar certo. Aí a motivação passou a ser trazer cada vez mais gente pra ver e mais gente pra tocar. Eu acredito que o Ensaio Aberto é referência na tal da cena cultural e que mostra que é possível fazer esse tipo de evento a baixo custo, ter lucro, dar espaço pra grupos sem depender de Estado ou Município. (Rídina Motta, entrevista pelo Facebook em agosto de 2018).

Esses discursos e performances marcam formas de ocupar e contar o espaço de diferentes maneiras, que sempre buscam afirmar certos valores. Ir, estar e ser do Ensaio Aberto é associar-se ao discurso da resistência, do empoderamento, do resgate cultural. A juventude que ocupa a sede do Coletivo Afrocaeté, e principalmente o Ensaio Aberto, ressignifica tanto a própria sede como o bairro do Jaraguá através dessas performances. É de fato importante salientar como essas diferentes formas de uso do espaço e as formas de contá-lo através da experiência cultural o torna dotado de sentido.

Caracterizamos essa juventude como majoritariamente pertencente a uma faixa etária entre 16 e 35 anos, classe média e média baixa, que costuma se locomover de carro para as atividades realizadas na sede do Coletivo. Os frequentadores são, em sua maioria, universitários e mulheres.

Aqui entendemos juventude não apenas como uma fase da vida, mas como uma teia de significados, interpretada a partir da inserção do indivíduo na sociedade (RIBEIRO, 2004, p.21). Também percebemos que há uma “energia jovem que gira”, atrelada ao “espírito do lugar” (FERNANDES, 2013, p.154). Em sua análise sobre a cena jovem do arpoador e principalmente sobre a Galeria River, Fernandes trabalha, a partir da fala de seus entrevistados, que a força da juventude mantém o espaço vivo: “é a força da juventude que faz com que esse espaço da cidade permaneça como referência cultural juvenil, como ponto de encontro de diversas tribos que independente da idade tem ‘uma harmonia com o tempo’” (FERNANDES, 2013, p.154). E quando

fala em uma energia jovem que gira, se refere ao poder de reatualização de estilos e estéticas através de práticas culturais pelos agrupamentos juvenis, que constroem um estilo de vida.

A participação da juventude enquanto força para conferir valor cultural à sede do Coletivo Afrocaeté, que se localiza nesse território, se dá como “energia jovem que gira” pois reatualiza estilos e estéticas através de práticas culturais, e assim também acontece enquanto performance.

A partir do processo de entrevistas feitas durante o Ensaio Aberto de outubro de 2017, os frequentadores do evento dizem participar da atividade pelo fato da sede do Coletivo ser um lugar de resistência social e cultural, acessível financeiramente, com pessoas livres de preconceito, que oferece uma experiência difícil de ser encontrada em outro lugar, com, de acordo com as próprias falas dos entrevistados, música boa. Quem frequenta o Ensaio Aberto reforça a importância desse espaço de valorização cultural, que proporciona a oportunidade de confraternizar com amigos e novas pessoas, assim como conhecer a própria cidade. Também por procurarem um lugar de entretenimento em Maceió, em que se queixam não haver tantas opções aos domingos.

Performance, música e espaço

O galpão 381 da rua Barão de Jaraguá era usado inicialmente pelo artista plástico Alex Lima como atelier. Após ser assaltado e espancado enquanto trabalhava no local, o artista passou a administração para o professor de karatê Neidson Alves. Na mesma época, Alex conheceu o Coletivo Afrocaeté, que estava em busca de uma sede, e conversou com os proprietários do espaço a fim de cedê-lo para execução das atividades do grupo. Dessa forma, o galpão começou a ser utilizado para ensaios e aulas de karatê.

Algum tempo depois, com a saída do professor Neidson, o Coletivo AfroCaeté passou a utilizar todo o espaço sem nenhum tipo de custo. Em 2015, os donos começaram a cobrar aluguel e o grupo, que não conta com nenhum tipo de patrocínio, teve que buscar alternativas para financiar o valor mensal de R\$ 600,00 proposto pelos proprietários. É nesse ensejo que surge o Ensaio Aberto.

A sede do Coletivo Afrocaeté se situa em local estratégico da cidade, no bairro do Jaraguá que passou por um projeto malsucedido de revitalização de 1996 até meados dos anos 2000, onde foram instalados bares, casas de show, entre outras opções turísticas e de lazer, principalmente nas ruas Barão de Jaraguá e Sá e Albuquerque. Com o fechamento desses negócios ligados a vida noturna, os furtos e roubos aumentaram, a violência cresceu e o bairro esvaziou-se. Porém, de forma imprevista às políticas públicas (STRAW, 2013, p.22), a sede do Coletivo Afrocaeté se estabeleceu

na região e se mantém ativa, realizando diversas atividades e congregando pessoas, principalmente jovens.

Há um imaginário e referencial em relação ao bairro, mediado por essa memória da revitalização frustrada, como um espaço de vocação cultural, ponto ideal para receber um circuito de atividades voltadas às artes e criatividade. A partir do momento em que o Coletivo Afrocaeté se coloca como proponente de uma ocupação, inicialmente com seus ensaios semanais e Oficinas de Iniciação ao Maracatu, e em seguida com os Ensaios Abertos, há uma nova forma de enxergar e viver tanto o bairro quanto a cidade para certo grupo de pessoas.

Com o Ensaio Aberto, o espaço da sede se ressignifica, passando do plano utilitário, de um local para guardar instrumentos e realizar ensaios semanais ou oficinas, para o plano simbólico a partir da congregação juvenil e da ressignificação dessas mesmas utilidades.

Dessa forma, analisando esses planos utilitário e simbólico, identificamos a formação de distintas territorialidades (HAESBAERT, 2004, p. 9) em construção na sede do Coletivo Afrocaeté: uma de um território interno, próprio e pertencente aos participantes do Coletivo, mesmo que não fechado ao público, mas pelo menos não amplamente divulgado, em que ocorrem os ensaios e Oficinas; e outra de caráter simbólico, em que se ressignifica tanto sede quanto bairro, no momento em que a sede se abre ao público no Ensaio Aberto.

Ao abrir a porta ao público, a sede do Coletivo Afrocaeté se estende e extrapola seu espaço enquanto edifício para ocupar também a calçada e o bairro do Jaraguá através da ocupação dos espaços pela juventude que frequenta o evento. Essa ocupação acaba “criando o sentido de continuidade entre os espaços dentro/fora” (FERNANDES, 2013, p.158), ressignificando, (ou reatualizando, assim como Fernandes) através de práticas culturais, um local habitado principalmente por comércios, durante a semana, e residências.

A partir dessa extensão da sede, através da ocupação da calçada pelas pessoas que frequentam o Ensaio Aberto, reconfigura-se a paisagem em que ela se insere, ocupando a cidade culturalmente e permitindo diálogos entre seus habitantes, assim como também entre esses habitantes e a cidade em si. Questões como a dança, a música, a performance e o próprio convívio, além da liberdade de entrar e sair da sede, marcam essa reconfiguração da paisagem e essa “continuidade dentro/fora” e “assim esse espaço é vivido como passagem, como extensões das ruas. Continuidade também ampliadora do espaço” (FERNANDES, 2013, p.158).

Da mesma forma podemos entender essa continuidade enquanto uma “transposição entre o interior e exterior” (FERNANDES, 2016, p. 11), pelo conceito da Varanda de Ana Fernandes (FERNANDES, 2016, p.11), que coloca a varanda como um espaço entre a casa e o exterior. Essa

extensão da sede para o bairro pode ser vista como um certo “avaradamento” que marca essa relação de entrada e saída dos frequentadores e fortalece esse espaço de convivência com os membros, em que se reforçam códigos estéticos como a resistência e a valorização cultural, além de promover essa troca de discursos, as mediações provocadas pelos choques entre as performances dos participantes do Coletivo e as performances dos frequentadores do Ensaio Aberto.

Os novos usos gerados a partir da ocupação ressignificam não só o espaço, mas também a própria prática musical, acompanhando suas transformações em dado instantâneo da cultura. A música tocada atualmente pelo AfroCaeté já foi anteriormente perseguida em Alagoas, num período intenso de repressão. O episódio conhecido como Quebra de Xangô, ocorrido em 1912, perseguiu práticas religiosas e culturais de cunho afro. No mês de fevereiro daquele ano, terreiros de umbanda e candomblé foram destruídos em uma invasão liderada pela Liga dos Republicanos Combatentes, formada por ex-militares. A motivação foi política: para a oposição, a permanência do então governador Euclides Malta no poder só era mantida devido à aproximação que o representante tinha com as casas de culto afro. Na ocasião, muitos religiosos de matriz africana, também organizadores de maracatus na capital, fugiram para outros estados, fazendo com que a manifestação desaparecesse por um longo período. A prática reaparece, com pouca expressividade, em meados dos anos 1950, desvinculada das religiões de matriz africana e associada ao catolicismo, como um folguedo natalino, denominado pelo folclorista Théo Brandão. Essa classificação é utilizada atualmente no mapeamento cultural desenvolvido pela Secretaria de Estado da Cultura em Alagoas (Secult-AL).

A manifestação só reaparece com maior intensidade em 2007, a partir de uma oficina de maracatu ministrada por Wilson Santos, percussionista da Orquestra de Tambores de Alagoas. O maracatu ressurgiu adaptado, através de grupos percussivos sem ligação religiosa com terreiros de candomblé ou umbanda e formado por maioria branca. Apesar de não ser um grupo formado dentro do terreiro, o AfroCaeté revela, tanto nas suas canções, quanto na estética dos figurinos e da sede, uma aproximação com a religião de matriz africana. As referências estão presentes também na figura do mestre do grupo, Sandro Santana, que é ogã (responsável por tocar os atabaques durante os cultos afro), e filho de santo de Mãe Neide Oyá D’Oxum, madrinha do Coletivo e ialorixá do Grupo União Espírita Santa Bárbara. Os novos significados vão surgindo a partir da interação com o contexto presente e também construídos a partir da memória de um passado que serve como justificativa para existência de atuais práticas. A história de perseguição das práticas culturais afro em Alagoas é uma das motivações para a fundação do Coletivo AfroCaeté e o Ensaio Aberto emerge enquanto prática musical e ativa diversas performances (discursos, ações, corporeidades) nesse contexto.

Entendemos que a atividade juvenil confere valor simbólico ao território através de suas relações incitadas pelo fazer musical e todos os aspectos que o orbitam, e ressignifica o local e as práticas através dessa relação entre música e espaço, fazendo a sede do Coletivo ser classificada como uma territorialidade sônico-musical (HERSCHMANN, 2013; FERNANDES, 2013, p.52):

Nestas territorialidades se “compartilha uma intensa experiência sensível e estética” (Ranciere, 2009) e se constroem identidades e sociabilidades que gravitam em torno da música e modificam o ritmo e o cotidiano urbano: seja no plano físico (com resultados significativos culturais, econômicos e sociais) ou do imaginário urbano (Herschmann, Fernandes, 2012b) (HERSCHMANN, 2013, p.52).

A música agencia o processo de ressignificação do espaço, entendido como um lugar no qual a prática musical, a memória e o convívio estão inseridos. É por haver música que há Coletivo, que há festa e que há congregação.

A música, que talvez pudesse ser encarada como mais um atrativo, devido à enorme quantidade de referenciais e discursos surgidos a partir das atividades do Afrocaeté, especialmente o Ensaio Aberto, deve ser encarada como principal agenciador do espaço, como motivo da congregação e como o verdadeiro referencial das performances, tanto de participantes, que tem sua relação com instrumentos, resgate musical, e dos participantes, que enxergam que através de uma prática musical se revitaliza um bairro da cidade.

Considerações finais

Reiteramos, portanto, que atividade juvenil confere valor cultural ao espaço da sede do Coletivo Afrocaeté e ressignifica o local, transformando-o em territorialidade sônico-musical, na perspectiva de Herschmann e Fernandes (2013), onde se constroem sociabilidades que gravitam em torno da música. Essa ressignificação se dá a partir da ocupação do espaço pela juventude que performatiza e constrói sociabilidades, afetos, resistências, modificando o ritmo cotidiano do bairro.

A atividade musical torna o local da sede atraente, através de uma atividade desenvolvida pelo grupo. O Ensaio Aberto surge como uma prática imprevista às políticas públicas e fortalece o imaginário do Jaraguá como um local a ser revitalizado. Os novos usos gerados a partir da ocupação constroem a territorialidade identificada na sede, envolvendo não só o espaço, mas principalmente a prática musical, que ativa a memória e o valor cultural inseridos na atividade juvenil em questão.

O espaço se reconfigura numa busca por afirmar valores do ambiente, tais como resistência cultural e resgate musical, e constitui esse processo quando abre as portas de sua sede durante o Ensaio Aberto, gerando uma negociação performática entre membros e frequentadores. Essa extensão, a continuidade dentro/fora, transposição interior/exterior da ida do Coletivo para a calçada,

ocupa não só esse ambiente com corpos mas também com falas, com ideias, com um imaginário a ser construído nas relações que se tornam propícias durante o evento. É nesse momento que há esse intercâmbio e reforço ou abalo dos discursos. Nesse momento as performances, enquanto ato, encontram o palco cênico para atuar.

Vale considerar que esses processos nunca cessam, são provisórios e estão em constante transformação, adaptação e ressignificação, a depender das negociações entre os diversos atores envolvidos e do contexto no qual essas práticas culturais emergem.

Referências

AMARAL, Adriana; SOARES, Thiago; POLIVANOV, Beatriz. **Disputas sobre performance nos estudos de Comunicação: desafios teóricos, derivas metodológicas**. São Paulo, v.41, n.1, p.63-79, jan./abr, 2018.

BRANDÃO, Théo. **Folguedos Natalinos**. Maceió: Sergasa, 1973.

FERNANDES, Ana Catarina. **A varanda: sobre seu valor no programa da casa**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Faculdade de Arquitetura, Universidade do Porto, Porto, 2016.

FERNANDES, Cíntia. **Dinâmicas e Processos de Ressignificação na Cidade do Rio: a cena jovem no Arpoador**. In: JANOTTI Jr. Jeder; SÁ, Simone Pereira de. *Cenas Musicais*. São Paulo: Anadarco, 2013.

FRITH, Simon. **Performing Rites: On the Value of Popular Culture**. Estados Unidos: Harvard University Press, 1998.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>> Acesso em: 09 de fevereiro de 2017.

HERSCHMANN, Micael. **Cenas, Circuitos e Territorialidades Sônico-Musicais**. In: JANOTTI Jr. Jeder; SÁ, Simone Pereira de. *Cenas Musicais*. São Paulo: Anadarco, 2013.

JANOTTI, JR., Jeder; SÁ, Simone Pereira (Orgs.). **Cenas Musicais: Coleção Comunicações e Culturas**. São Paulo: Anadarco, 2013. 167 p.

MARINHO, Christiano. **Entrevista concedida ao Programa Alagoas Arte e Cultura**. TV Assembleia. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=W0avI-4GBbU>> Exibida em 19 de outubro de 2011.

RAFAEL, Ulisses Neves. **Xangô Rezado Baixo: religião e política na primeira república**. São Cristóvão: Editora UFS; Maceió: Edufal, 2021. 276p.

RIBEIRO, R. J. **Política e juventude: o que fica da energia**. In R. R. Novaes & P. Vannuchi. (Orgs.), *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação* (pp. 19-33). São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA. **Mapeamento cultural**. Disponível em: <<http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-aco-es/mapeamento-cultural/cultura-popular/folguedos-dancas-atores/folguedos-natalinos/maracatu>> Acesso em: 08 de agosto de 2018.

STRAW, Will. **Cenas Culturais e as Consequências Imprevistas da Políticas Públicas**. In: JANOTTI Jr. Jeder; SÁ, Simone Pereira de. *Cenas Musicais*. São Paulo: Anadarco, 2013.

